

Diário de Petrópolis, 23 de Julho de 2023

A Crise da Ordem Liberal Internacional É Definitiva

Por: Ronaldo Fiani

No artigo da semana passada citei John Mearsheimer, um dos cientistas políticos mais importantes dos Estados Unidos, que vem chamando a atenção para o desmonte da ordem liberal internacional, fato desconsiderado pela grande maioria economistas brasileiros, ao elaborarem suas recomendações de política econômica.

Hoje vou abordar as análises de outro cientista político norte-americano, Robert Gilpin, falecido em 2018, que foi homenageado por ocasião de sua morte com um longo artigo na afamada revista Foreign Affairs (“O Legado Duradouro de Robert Gilpin”, <https://www.foreignaffairs.com/united-states/enduring-legacy-robert-gilpin>).

Robert Gilpin foi um intelectual muito produtivo, tendo proposto várias ideias sobre a economia e a política globais, algumas polêmicas. O interesse aqui não é rever suas teses, mas mostrar como sua análise da dinâmica do sistema internacional ajuda a compreender que a crise da ordem liberal internacional é definitiva.

Por que isto é importante? Porque ao adotarmos uma perspectiva a partir da análise de Gilpin, estaremos em condições de perceber que a atual crise da ordem liberal internacional é de longo alcance, não se tratando de algo conjuntural, isto é, de um fenômeno de curta duração. Esta compreensão ajuda a formular análises e propostas econômicas afinadas com as tendências atuais, em

vez de baseá-las em hipóteses que dizem respeito a um mundo que não existe mais.

Gilpin desenvolveu uma análise dinâmica do comportamento dos sistemas internacionais. Um sistema internacional estabelece uma hierarquia política em que alguns países exercem liderança hegemônica, ou seja, uma liderança que não é resultado apenas de maior poder militar, mas também do reconhecimento geral de que esta liderança proporciona ganhos para todos, e estes países líderes estabelecem regras que permitem o desenvolvimento de relações comerciais e financeiras na economia mundial.

Foi exatamente o que aconteceu com o colapso da extinta União Soviética em 1991. Novas regras foram estabelecidas, garantido a liberdade de comércio e dos fluxos financeiros através dos países, a partir da hegemonia dos Estados Unidos, com a colaboração dos países mais importantes da União Europeia. Desenhou-se então uma nova ordem que, conforme vimos no artigo da semana passada, John Mearsheimer denominou ordem liberal internacional.

No artigo da semana passada apresentei as evidências de que esta ordem está sendo desmontada: a adoção de barreiras tarifárias entre Estados Unidos e China; proibições pelo governo norte-americano da exportação para a China de bens que embutem tecnologia de ponta no segmento de microcircuitos, o banimento de grandes empresas chinesas como a Huawei dos Estados Unidos, Japão, Austrália e Reino Unido; a adoção pela China de iniciativas que se sobrepõem às instituições multilaterais do ocidente (como o Banco Mundial), tais como o Cinturão da Seda, o Banco dos Brics etc.

Segundo a análise dinâmica de Gilpin, em um primeiro momento, a consolidação de um sistema internacional, como é o caso da ordem liberal internacional, favorece alguns países que se aproveitam mais do que outros do fato do sistema internacional estar estabilizado, com hegemonia definida e

regras claras. Este foi exatamente o caso da China. O país asiático já vinha crescendo na década que antecedeu o estabelecimento da ordem liberal internacional no início dos anos 1990, com uma taxa média de 6,2% ao ano de 1981 a 1990, segundo dados do Banco Mundial, enquanto a economia mundial apresentava uma taxa de crescimento de apenas 3,8% no mesmo período. Na década seguinte, de 1991 a 2000, a partir do estabelecimento da ordem liberal internacional a economia chinesa passou a crescer à taxa média de 9,3% ao ano, enquanto a economia mundial crescia em média apenas 3,2% ao ano.

Na década seguinte, de 2001 a 2010 a China continuou crescendo aceleradamente, não obstante a crise de 2008, com uma média de 10,4% ao ano, muito acima da média mundial no mesmo período de apenas 3,0% ao ano. Mesmo no período em que o sistema internacional começou a dar seus primeiros sinais de crise, entre 2011 e 2020, a China continuou crescendo significativamente, ainda que menos, a uma taxa média anual de 6,8%, contra um crescimento médio da economia global de apenas 2,4% ao ano.

Ocorre que este crescimento diferenciado de alguns países, que se aproveitam melhor dos benefícios e das oportunidades que a estabilidade do sistema internacional oferece, faz com que os países em ascensão demandem maior poder, como a China passou a fazer com a sua proposta de mundo multipolar, o que gera desequilíbrios no sistema internacional, que antes tinha se consolidado. Esta situação, ainda de acordo com Gilpin, leva o sistema internacional à crise, o que força algum tipo de resolução e o estabelecimento de um novo sistema internacional, distinto do anterior. A lição que Gilpin nos oferece é a de que o sistema internacional estabelecido pelo colapso da União Soviética, denominado por John Mearsheimer de ordem liberal internacional, está em uma crise definitiva, uma crise que não é possível estimar a duração, e que somente será superada pelo estabelecimento de outro sistema internacional que consiga se estabilizar.

Os economistas brasileiros precisam reconhecer esta nova realidade.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-244165>